

Henrique Gallucio: trajetória, agonia e morte do gênio construtor da Fortaleza de São José de Macapá

Fernando Pimentel Canto¹

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará. Sociólogo da Universidade Federal do Amapá, Brasil. E-mail: fernando-canto@unifap.br

RESUMO: O artigo aborda, em parte, o processo de construção da Fortaleza de Macapá que tem em Henrique Gallucio o seu principal ator social. Traz, no conceito de [Elias \(1995\)](#), uma sequência definida e ordenada na história da colonização amazônica. Para Elias trata-se de um processo estruturado que vai numa certa direção e está intimamente ligado ao processo social geral. Gallucio viveu entre ser o que foi – um *outsider* – nas terras do Novo Mundo, lutando contra o poder do *establishment* e sofrendo do niilismo causado pelas condições ambientais, sociais e pela malária, doença que causou sua morte aos 41 anos de idade.

Palavras-chave: Fortaleza de São José de Macapá. Identidade. Alteridade. Literatura e Gallucio.

Henrique Gallucio: trajectory, agony and death of the genius builder of the Fortaleza de São José de Macapá

ABSTRACT: This paper discusses the process of building the Fortaleza de São José de Macapá, that has in Henrique Gallucio its main social actor. Brings, in the concept of [Elias \(1995\)](#), a defined and ordered sequence in the history of Amazon colonization. For Elias it is a structured process that goes in the right direction and is closely linked to the general social process. Gallucio lived between being what it was - an outsider - the lands of the New World, fighting against the power of establishment and suffering of nihilism caused by environmental conditions, social and the malaria, a disease that caused his death at 41 years old.

Keywords: Fortaleza de São José de Macapá. Identity. Otherness. Literature and Gallucio.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o tema não é a sociedade de corte, muito menos o protagonista é um artista, na acepção usual da palavra. Tenta-se aqui referenciar a vida do construtor da Fortaleza de São José de Macapá, por meio dos elementos depoentes, como as cartas dos construtores dirigidas ao Governador

da Capitania do Grão-Pará no contexto histórico da construção da Fortaleza de São José de Macapá, de 1763 a 1782. Ela é considerada um marco da presença colonial portuguesa na Amazônia, gênese da ocupação da cidade de Macapá e símbolo do Estado do Amapá, Brasil. Constitui-se uma representação simbólica em diversas áreas de atuação da sociedade, como a política, a

religião, o comércio e os serviços de outras ordens, amplamente divulgadas pela mídia na contemporaneidade.

Ao lado dos propósitos para os quais foi feita, incluindo aí o de defender a entrada ao Rio Amazonas, a construção da Fortaleza de São José de Macapá se inicia num intrincado processo de relações socioculturais, que se deu com a presença do engenheiro e Sargento-Mor do Exército Português Henrique Antonio Gallucio, encarregado das obras, que se encontrava no Brasil desde 1753, a convite do Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para trabalhar na Comissão Demarcadora de Limites na região norte do Brasil. Pouco se conhece a respeito da vida de Gallucio antes de ele vir para o Brasil. Contudo, sabe-se que era italiano, nascido em Mântua ([MARQUES, 2009](#)), em 1728, e que

era um trabalhador da arte de cartografia e foi indicado por Carlos Martel, destacada autoridade de sua terra, para se apresentar ao governador da Província [do Grão Pará e Maranhão] Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que precisava de um técnico para fazer “riscos” na Comissão de Limites. ([BARBOSA, 1997, p. 127](#))

[Fontana \(2009\)](#) diz que Gallucio, por ordem de Pombal, deveria aqui construir uma das maiores fortalezas do Brasil e da América do Sul,

a de São José de Macapá na foz do Rio Amazonas, obra projetada e iniciada pelo engenheiro militar, ajudante e depois sargento-major de Infantaria Enrico Antonio Galluzzi de Mantova (Lombardia) entre 1763 -1769 (quando aí morreu de malária), tendo sido requisitado pela cor-

te portuguesa ao Sereníssimo Duque de Gonzaga. ([FONTANA, 2009, p. 40](#))

[Fontana \(2009\)](#) se refere ao engenheiro Gallucio como protagonista central da construção da Fortaleza de São José de Macapá, tendo “a confiança do Governador Furtado e do chefe da comissão técnica portuguesa Carlos Martel, encarregado da colonização amazônica” ([FONTANA, 2009, p. 40](#)). [Fontana \(2009\)](#) informa que em Mântua, Itália, existe a Fortaleza de Sabbioneta, projetada em 1588 por Giovan Battista Antonelli, composta de seis baluartes poligonais, que viria a inspirar Gallucio na projeção da de Macapá.

De fato, Henrique Gallucio já teria uma proposta “de fortificação com características básicas do que seria a de São José de Macapá: uma posição abaluartada de quatro faces. Mas esse desenho ainda não seria o final” ([CASTRO, 1999, p. 176](#)).

Pelo conteúdo da carta de Gallucio, de 08 de outubro de 1763, quando informou que teve “a honra de ser mandado pelo meu natural monarca a servir a tão Augusto Soberano já [há] mais de 13 anos”¹, deduz-se que o engenheiro já estava trabalhando para os portugueses desde 1750, provavelmente em Lisboa, Portugal, à espera do embarque para o Brasil, o que ocorreu somente três anos depois devido ao adiamento causado pela morte do rei de Portugal. Os membros da Comissão só chegariam a Belém, Brasil, em 19 de julho de 1753.

[Camilo \(2009\)](#) cita, como fonte secundária extraída da obra de José Roberto do Amaral Lapa, que por sua vez se municiou no códice 1204, de 16 de abril de 1767, do Arquivo Público do Pará, o seguinte:

¹ Cód. 132. Doc. 90.

Sobre Gallucio, é importante registrar que sua estadia na capitania do Grão-Pará, anunciada pela carta escrita em Lisboa pelo Padre José Moreira, em 14 de maio de 1753 (sic), teve momentos truculentos, pois não somente este engenheiro, mas todos os estrangeiros e a sociedade em geral estiveram sob os pesados olhos da Inquisição, instalada no Grão-Pará, em 1763. Gallucio, por exemplo, **chamou a atenção pelos seus poemas, que refletem forte personalidade** (grifos meus), enquanto Gaspar João Geraldo Gronfeld, engenheiro alemão que concluiu as obras da fortaleza de Macapá, chegou a ser **acusado de luterano** pelo Santo Ofício. [grifos meus] ([CAMILO, 2009, p. 171](#))

É dentro dos conteúdos epistolares de Gallucio que se evidenciam traços de sua personalidade, apresentando como uma pessoa geniosa, de personalidade forte, vigorosa e corpulenta, que traz elementos de conduta diferenciados das demais pessoas, tendo assim maneiras habituais de ser que o distinguem dos outros. Nesse contexto personalístico, o engenheiro Gallucio encarna uma figura dramática aos olhos das personagens do seu tempo, durante a construção da fortificação. As narrativas missivistas do Comandante [da Praça de Macapá] Nuno de Athayde Varona, também detentor de uma personalidade diferenciada, vez por outra indicam choques de mando e expressões de vaidades de Gallucio contra ele, que sempre reclama de intrometimento nas suas atribuições de engenheiro militar.

Talvez por ser estrangeiro, com alta patente militar no exército português, Gallucio tenha despertado sentimentos espúrios dentro da corporação, visto os constantes

reclames dos seus subordinados e pela austera condução do trabalho em um lugar insalubre como Macapá, Brasil. O engenheiro via alguns dos seus ajudantes como “preguiçosos”, indolentes no trabalho, revelando que mesmo os amando e querendo o melhor para eles, sente “na alma que em algum deles se tenha insinuado **a serpente do Amor do descanço/** que poderá, como costuma suceder na gente moça/ ser causa de sua ruína” (sic) ² [grifos meus]. Por essas cartas também se pode notar que o Sargento-Mor Gallucio nem sempre podia compreender a situação dos seus comandados. Era uma pessoa exigente e muito sensível nas suas relações.

Sobre seus valores e talentos literários ainda não foi possível encontrar nenhum verso de seus poemas que tenham chamado a atenção do Santo Ofício. Sabe-se apenas das citações de versos do poeta italiano Virgílio - que escreveu um dos poemas épicos mais importantes da humanidade, a “Eneida”, em torno da figura de Enéias e a fundação de Roma – transcritos como epígrafes de suas cartas.

2 O CENÁRIO, AS ALTERIDADES E A MORTE DE GALLUCIO

Na medida em que a obra da Fortaleza ia sendo construída, ocorria uma cadeia de eventos que determinavam a agonia do engenheiro Henrique Gallucio. A mudança da configuração da paisagem do lugar também é a paisagem da transformação cultural, ditada pela dinâmica das pessoas. Por isso cada olhar (implícito na narrativa das car-

² Cód. 150. Doc. 114, de 24 de junho de 1765.

tas)³ pode ser uma visão de mundo, alteridades que vão mudando ao longo de uma trajetória que afeta o espaço e a vida social e cultural. É assim que, no decorrer da história, o ser humano vai construindo relações, desenvolvendo processos, às vezes contraditórios, que se superam no movimento do tempo e do espaço na sociedade e no lugar em que se encontra com os outros. Nessas relações sociais dinâmicas se constrói a realidade que se vincula ao movimento da própria história. Os olhares do estrangeiro, do militar colonizador, do escravo negro, do comerciante e do índio, são, sim, muito diversificados, mas que existem como sujeitos que produzirão um trabalho determinado pela decisão política, em um espaço geográfico no qual reproduzirão a sua existência e os seus valores perante a existência e os valores do outro. É, portanto, na diferença cultural que o jogo de ações (e tensões) se estabelece no contexto da construção da obra.

O conteúdo das cartas dos construtores trazem evidências da realidade, das ações e das expressões de sentimentos de homens amargurados, mas rígidos dentro de seus códigos militares, desejosos de conforto, no entanto degredados dentro de si mesmo, desterrados e impotentes pela Ordem Real Portuguesa de plantarem uma Fortaleza que se tornaria um símbolo de conquista em terras do Novo Mundo.

As alteridades pareciam instigar as relações sociais. E cada olhar era diferenciado porque “nenhuma cultura é jamais unitária

³ As cartas dos construtores são como crônicas literárias, pois não deixam de ser construções da realidade que registram/narram acontecimentos e fatos comuns do cotidiano da ereção da obra e de aspectos técnicos. Seus conteúdos dão a elas, indubitavelmente, teor científico eivados de certa literariedade.

em si mesma, nem dualista na relação do eu com o outro” (BHABHA, 2007, p. 59). Em vista disso “as culturas são dinâmicas e se transformam no contato com outras culturas” (BHABHA, 2007, p. 59). Além disso, mesmo que as culturas estivessem numa relação de interdependência, no contato direto, percebe-se nas cartas de Gallucio a sua erudição e o seu amor pelo trabalho, que parecia querer terminar com certa urgência para ir-se de vez de Macapá, Brasil, para encontrar sua família e traçar novos rumos à sua vida.

A construção da Fortaleza de São José de Macapá foi um processo marcado pela labuta árdua, caracterizado por uma tecnologia incipiente e dificultosa, com mão de obra escrava e por uma série de situações de relacionamentos sociais complexos. Nesses relacionamentos, o poder se imbricava em disputas nada salutares, em queixas, intrigas e tensões explicitadas nas cartas, que refletiam o ambiente da época, mostrando as dificuldades e deixando transparecer uma subserviência impressionante aos mandatários – como era estilo do período, sobretudo por estarem as personagens ligadas a uma hierarquia militar impositiva e implacável.

Os agentes da construção da Fortaleza de São José vieram para um ambiente violento, para um lugar caracterizado pela degradação física e moral e pelas contingências ambientais desfavoráveis, como a falta de abastecimento e com o risco de doenças tropicais. Ao lado disso, africanos de diversas procedências viviam sob o regime de escravidão, bem como indígenas capturados para trabalhos de transporte, caça, pesca e outras atividades laborais.

Inserem-se no cenário da construção as estratégias de que se valeram os portu-
guese-

ses para se fixarem no lugar, obviamente pela força militar que ostentavam, fundamentada pelas ações expressas em seus códigos de guerra. Negros, índios, soldados desertores e cidadãos civis eram punidos de acordo com seus comportamentos.

Em seu trabalho, [Santos \(2009, p. 182\)](#) diz que “o segundo milênio foi o milênio das descobertas imperiais”. [...]. “o ‘Outro’ do Ocidente, o descoberto, assumiu três formas principais: o Oriente, o selvagem e a natureza”. O referido autor esclarece que

Se o Oriente é para o Ocidente o lugar da alteridade, o selvagem é o lugar da inferioridade. O selvagem é a diferença incapaz de se constituir em alteridade. Não é o outro porque não é sequer plenamente humano. A sua diferença é a medida da sua inferioridade. Por isso, longe de constituir uma ameaça civilizacional, é tão só a ameaça do irracional. O seu valor é o valor da sua utilidade. Só merece apenas confrontá-lo na medida em que ele é um recurso ou via de acesso a um recurso. A incondicionalidade dos fins – a acumulação dos metais preciosos, a expansão da fé – justifica o total pragmatismo dos meios: escravatura, genocídio, apropriação, conversão, assimilação. ([SANTOS, 2009, p. 185](#))

Essa afirmação remete ao conceito que se tinha, no período da ereção da Fortaleza de São José de Macapá, sobre a natureza, posta conceitualmente por Santos como um lugar de exterioridade, mas também de inferioridade, pois “o selvagem e a natureza são, de fato, as duas faces do mesmo desígnio: domesticar a ‘natureza selvagem’, convertendo-a num recurso natural” ([SANTOS, 2009, p. 188](#)).

A Fortaleza de São José de Macapá foi construída sob a égide da imposição do branco colonizador por meio das chamadas “guerras justas”, concepção que segundo [Santos \(2009\)](#) está na teoria da escravatura natural de Aristóteles, a qual reza que “a natureza criou duas partes, uma superior, destinada a mandar, e outra, inferior, destinada a obedecer” ([SANTOS, 2009, p. 186](#)). Nesse panorama é que Henrique Gallucio, personagem principal da construção da Fortaleza, indubitavelmente tinha seus conceitos pessoais sobre o mundo que o cercava. Sua formação europeia permitiu que se dedicasse ao estudo da Astronomia, munido de um telescópio que mandara buscar na Itália. Suas anotações eram mandadas para o Observatório de Lisboa, em Portugal, inclusive as que informam que observou um eclipse do sol na tarde de 25 de agosto de 1767, e um da lua em 29 de julho de 1768 ([BARBOSA, 1997](#)).

Nas suas relações com os portugueses – o comandante da Praça de Macapá e seus engenheiros subordinados –, havia sempre uma rusga na qual o construtor mostrava características de sua personalidade. Tratava-se de uma diferença cultural marcante, porque a identidade é fabricada por meio da marcação da diferença, que acontece por meio de sistemas simbólicos como também por meio de formas de exclusão social. Para [Woodward \(2008, p. 39-40\)](#), a

identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de **sistemas classificatórios**. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma

tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro [grifos da autora].

O Sargento-Mor e engenheiro Gallucio, apesar das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, principalmente no trato de seus subordinados e nas relações com a outra autoridade da vila, o Coronel-Comandante Nuno da Cunha Atahyde Varona, sabia do seu papel, da sua condição de europeu culto, mas essencialmente sabia o que significava para Portugal a sua presença naquele lugar ermo onde a doença e a saudade da família o fariam definhar até a morte.

O Comandante Marcos informa sobre os progressos da obra e que quase todos os prédios internos já se encontram prontos. É ele quem encaminha carta ao Governador, informando a morte do engenheiro Gallucio:

Pelas cinco horas e meia da manhã de hoje entrou na Eternidade a Alma do Engenheiro Henrique Antonio Gallucio, e ainda que se haverá dez dias que se achava em princípio de segunda cura, purgando duas vezes, morreu quase repentinamente, e sendo sensível a sua falta, se faz mais lastimesa por morrer sem sacramentos, nem apertar a mão estando toda a noite com ele o Padre Vigário, dispondo-o para o cristão desengano e venturozo fim do arrendimento.

Logo me veio falar o capitão Henrique João Wilkens e certificar-me do mesmo que já me tinha dito: que ele da Fortificação nunca soubera nada porque o Defunto Gallucio fizera sempre mistério deste projeto que nunca lhe quis revelar, e que isto mesmo tinha o ele capitão já representado a V. Exa: A vista do que fui logo à casa do Defunto fazer separar os papéis per-

tinentes ao serviço de Sua Majestade nesta Fortificação, para que o dito capitão, vendo o Risco, e o mais que nele está disposto poder inteiramente suceder no seu ministério e fazer executar todo o seu pensamento enquanto V. Exa. não resolver sobre este ponto o mais que for servido. Macapá, 27 de outubro de 1769⁴.

A morte do engenheiro Gallucio até hoje causa especulações. O fato de guardar as plantas para si, sem mostrar a ninguém mais, pode revelar o traço da personalidade do engenheiro, que não queria ver seu trabalho ser executado sem a sua presença. Mas, impossibilitado por causa da doença que lhe afligia, preferiu guardá-las em lugar seguro enquanto esperava ser curado.

A morte de Gallucio também põe fim ao embate causado entre ele e o comandante da Praça de Macapá, Nuno Athayde Varona, falecido cinco meses antes, e os engenheiros ajudantes Sambucetti e Wilkens, com quem vivia em permanente tensão. A Gallucio estava reservada uma morte descrita dessa maneira, pois o tempo, o ambiente e o espaço da construção iriam colaborar para a aceleração da doença, ainda que em suas epístolas não cansasse de suplicar sua transferência para a capital da Província em busca de cura e do carinho da família, da qual sofria a ausência.

Imprescindível para a obra, o sargento-mor Engenheiro vivia em Macapá, Brasil, como se cumprisse a pena de degredo, vigente à época para criminosos. E em Macapá encontrou o palco de sua agonia, na acepção total do termo, que é também um conjunto de fenômenos mórbidos que aparecem na fase final de doenças agudas ou crônicas e que anunciam a morte.

⁴ Cód.200. Doc. 62

A permanência da Fortaleza de São José de Macapá tem uma memória a ser restaurada, não só pelas constantes transformações que sofreu no decorrer de mais de dois séculos, mas porque suas mudanças, seus esquecimentos e suas rupturas fazem parte de um horizonte ideológico que lhe permitiu olhares diferenciados, que não foram contados nem pela historiografia oficial nem por uma literatura que resgatasse tal memória e acendesse os esquecimentos, ou que até mesmo abrisse mais os ouvidos para escutar a linguagem escrita nos documentos dos homens que a construíram, que cimentaram nela pedras em cima de pedras.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dono de grandes conhecimentos, Gallucio foi viajante na Amazônia, e é o vidente de um visível uniforme, quase homogêneo e cansativo ao olhar de um estrangeiro. Ele trouxe em suas cartas a essência de uma personagem que atuou diretamente no espaço de um conflito (entre ele e aqueles que não gostavam de suas atitudes); desempenhou um grande número de ações para o êxito da construção, objetivo de sua missão como engenheiro e militar. Como diretor da obra, entrevistou diretamente na vida dos seus subordinados, obedecendo integralmente as ordens superiores dada a hierarquia militar. Sujeitou-se a ordens sem nada contestar, exaltando as qualidades de seus superiores e morreu como herói real de um romance não escrito.

Parafraseando [Norbert Elias \(1995\)](#), falar de Gallucio como ser humano único e arquiteto construtor único da Fortaleza de São José de Macapá, dependente das decisões

superiores, porque era militar (e estrangeiro)

É difícil elucidar os problemas que os indivíduos encontram em suas vidas, não importa quão incomparáveis sejam a personalidade ou realizações individuais [...] E preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo. Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico da configuração que uma pessoa [...] formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época. ([ELIAS, 1995, p. 19](#))

As constantes litanias expressas nas cartas de Gallucio dão a ideia da total dependência às instâncias mais elevadas de poder, que ali, naquele período, se concentrava na capital da Província, cujos governantes não estavam muito interessados em tirá-lo de Macapá.

A doença crônica e agônica – malária – provocou no construtor o estacionamento no conformismo. Estivera, aos 41 anos de idade, pronto para morrer longe da família, crente que seus insufríveis martírios só acabariam com o seu próprio fim.

Gallucio foi aniquilado pela doença. Antes, porém, sofreu o revés da vindita e as perseguições advindas de uma estrutura social de poder que o colocou não mais como aquele que chegou para se estabelecer no local, cumprir sua tarefa militar e partir para novas missões profissionais, mas como um *outsider* reduzido pela competição permanente com o comandante Athayde Varona, da Praça de Macapá, e com os engenheiros ajudantes que não lhes eram simpáticos. Sua relação com o poder, construída por meio do seu currículo profissional, da correspondência com o poder e

também pelo respeito à sua patente militar, aparentemente lhe dava a condição de estabelecido, no entanto era tratado como *outsider*, que nesse caso individual “tem um certo significado paradigmático” (ELIAS, 1995, p. 38), pois sofria com as humilhações e reações hostis na disputa do poder hierarquizado, com o comandante, que interferia tecnicamente na construção da obra dando ordens aos trabalhadores sem o seu conhecimento .

Gallucio era um homem multifacetado pelas suas inquietações, como vimos acima. Era um estrangeiro experiente na sua profissão, e, por isso, em parte desprezado pelos seus pares. Talvez maníaco-depressivo e paranoico (foi posteriormente acusado de demente por ter escondido até à morte as plantas da construção), mas era orgulhoso de sua arte como engenheiro e tinha um dom especial, a genialidade, que se constituiu num dos elementos determinantes do seu destino social, pois sua arte (a arquitetura) estava plenamente conectada à sua existência social (ELIAS, 1995).

O processo de construção da Fortaleza de Macapá teve em Gallucio o seu principal ator social, e trouxemos no conceito de Elias uma sequência definida e ordenada na história da colonização amazônica, como “processo estruturado que vai numa certa direção e está intimamente ligado ao processo social geral” (ELIAS, 1995, p. 46). Gallucio viveu entre ser o que foi – um *outsider* – nas terras do Novo Mundo, lutando contra o poder do *establishment* e sofrendo do niilismo causado pelas condições ambientais, sociais e pela doença. Viveu confiante do seu legado, ainda que estivesse em estado permanente de desespero e como um degredado, impedido de ir em busca de cura. Sua obra ficou para as gerações futuras

admirarem e sua vida é produto de ações dramáticas da sociedade do seu tempo. A Fortaleza de São José de Macapá é uma espécie de réquiem inacabado, composto por Gallucio até o último dia de sua morte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. S. **Personagens ilustres do Amapá**. Macapá: Edição do Autor, 1997.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CAMILO, J. **Homens e pedras no desenho das fronteiras – a construção da Fortaleza de São José de Macapá (1764/1782)**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009.
- CASTRO, A. H. F. de. O fecho do império: história das fortificações do Cabo Norte ao Amapá de hoje. In: GOMES, F. (Org.). **Nas terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira – séculos XVIII e XIX**. Belém, Edufpa, 1999.
- ELIAS, N. **Mozart, a sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FONTANA, R. **As obras dos engenheiros militares Galluzzi e Sambucetti e do arquiteto Landi no Brasil colonial do séc. XVIII**. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 46, 2009.
- MARQUES, L. (Coord.). **O Tempo do Renascimento 1 - 1260-1400 – Roma como Ideal**. São Paulo: Duetto Editorial, 2009.
- SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo - para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2009.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CÓDICES DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ

Cód. 132. Doc. 90

Cód. 150. Doc. 114

Cód. 200. Doc. 62



License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Artigo **recebido** em 04 de dezembro de 2015.

Avaliado em 26 de janeiro de 2016.

Aceito em 28 de janeiro de 2016.

Publicado em 14 de março de 2016.

Como citar este artigo (ABNT):

CANTO, Fernando Pimentel. Henrique Gallucio: trajetória, agonia e morte do gênio construtor da Fortaleza de São José de Macapá. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, v. 5, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2015.